

Caderno

# Artístico

Abril 2023 - Ano 2 • Nº 02



A desembargadora federal aposentada Orlanda Luiza abre esta edição do caderno com duas poesias.

Em "Elizabeth Barrett Browning", o juiz federal aposentado B.G. da Costa Fontoura apresenta a história da poetisa inglesa da época vitoriana.

"A Fábrica de Histórias e as Orelhas do Coelho Faceiro" é de autoria da juíza federal aposentada Leda de Oliveira Pinho.

**#POESIA**

Páginas 4 e 5

**#CRÔNICA**

Página 7

**#CONTO**

Página 14



ESPAÇO DOS(AS)

Aposentados(as)



AJUFE



## DA COORDENADORA

O ano está correndo e lá já se foi o primeiro trimestre. Nossos (as) talentosos (as) aposentados(as) seguem produzindo no campo das artes plásticas e da literatura. O Caderno que hoje se traz à luz abriga poesia, desenho, fotografia, crônica e conto.

Orlanda Luiza, com suas letras poéticas, nos presenteia com *"Espelho, Espelho Meu..."* e *"Hoje eu vou mudar"*. B.G. da Costa Fontoura, apoiado em minuciosa pesquisa e preciosas ilustrações, narra a história da poetisa inglesa Elizabeth Barret Browning. Márcia Souza e Silva de Oliveira Fernandes amplia a nossa experiência com seu desenho artístico, Raldênio Bonifácio Costa e Frederico Gueiros iluminam o Caderno com suas fotos e Leda de Oliveira Pinho, com *"A Fábrica de Histórias do Coelho Fazeiro"*, conta um conto.

A satisfação é muito grande ao assistir a chegada de novos colegas neste espaço artístico e ver o projeto dando frutos. Estamos convictos de que muitos talentos estão ainda por serem aqui acolhidos e divulgados.

A arte com toda sua potência de transformação e consolo está viva entre nós. Compartilhar estas produções resgata em cada um de nós este potencial.

Por isto, temos a honra e o prazer de lhes entregar a 3ª edição do Caderno Artístico. Que seja um momento de deleite para todos!

**Maria Helena Rau de Souza**  
juíza federal aposentada da 4ª Região  
Diretora de Assuntos de Interesses  
dos Aposentados





# SUMÁRIO

## Mensagem da coordenadora ..... 2

*Maria Helena Rau de Souza*

Juiza federal aposentada da 4ª Região

## Poesia ..... 4

*Orlanda Luiza*

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

## Poesia ..... 5

*Orlanda Luiza*

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

## Crônica ..... 7

*B.G. da Costa Fontoura*

Juiz federal aposentado da 2ª Região

## Desenho ..... 13

*Márcia Souza e Silva de Oliveira Fernandes*

Juiza federal aposentada da 2ª Região

## Fotografia ..... 13

*Frederico Gueiros*

Desembargador federal aposentado da 2ª Região

## Conto ..... 14

*Leda de Oliveira Pinho*

Juiza federal aposentada da 4ª Região

## Fotografia ..... 20

*Raldênio Bonifácio Costa*

Desembargador federal aposentado da 2ª Região

## Expediente

Coordenação: **Maria Helena Rau de Souza**

Coordenação de comunicação: **Priscilla Peixoto**

Revisão: **Eduardo Gomes**

Diagramação e projeto gráfico: **Lucas Soares**

**Ajufe — Setor Hoteleiro Sul, Quadra 6, Bloco E,  
Conjunto A, Sala 1305**

Brasil 21 - Ed. Business Center Park - CEP 70322-915

Tel.: (61) 3321-8482

### Contato

[imprensa@ajufe.org.br](mailto:imprensa@ajufe.org.br)

[www.ajufe.org.br](http://www.ajufe.org.br)

[www.facebook.com/ajufe.official](https://www.facebook.com/ajufe.official)

[www.youtube.com/tvajufe](https://www.youtube.com/tvajufe)

[www.twitter.com/ajufe\\_oficial](https://www.twitter.com/ajufe_oficial)

[www.instagram.com/ajufe\\_oficial](https://www.instagram.com/ajufe_oficial)

[www.flickr.com/ajufe\\_oficial](https://www.flickr.com/ajufe_oficial)



## Poesia

# ESPELHO, ESPELHO MEU...

O que eu digo e escrevo nem sempre é suficiente a refletir o que sinto.  
Talvez eu seja um falso espelho.  
Olho para mim mesma e não me vejo ou não me enxergo.  
Escondo-me em mim, dentro de mim, atrás de mim e nas entrelinhas.  
Recubro meus desejos com flores e sonhos, mas nem quero sonhar mais.  
Acho que estou envelhecendo de vez.  
Parei de falar sozinha... Ora, não tenho mais assunto comigo.  
O silêncio do tempo silenciou minhas fantasias e a imagem espelhada está de cabeça para baixo. Ou eu é que estou invertida?

O espelho, espatifo-o, se se  
atreve a mostrar minha realidade  
descorada, a face pálida, o rosto  
esquálido.  
Temo que acabe mostrando meu  
coração esfacelado, a mente  
entorpecida, meu semblante de  
apatia, meus pedaços, afinal.  
Sinto minha rota imagem.

O espelho teima em me reconhecer.  
Um de nós está embaçado.  
Nem sei mais nada de minha aparência,  
o que, aliás, não me preocupa  
tanto assim...  
Penso que ele fala a verdade,  
contrariamente ao que dizem de  
minha figura e fico entediada com  
ambos, pela incoerência entre  
imagem e palavras.  
Não quero pentear-me nem fazer  
maquiagem à sua frente. Ele vê que  
perdi todo o brilho.  
Calo-me e me afasto, angustiada, vazia.  
Esse não é meu espelho.  
Não vou juntar cacos.

É a visão desoladora de um íntimo  
rompido, fragmentado.  
Cada caquinho do famigerado  
espelho traz-me inteira, apesar de  
não me sentir mais assim.  
A transubstanciação não ocorre.  
Sou um espectro. Farrapos.  
Cabelos desgrehados.  
Estilhaços.



Autoria

**Orlanda Luiza**

desembargadora federal aposentada da 1ª Região



Poesia

# HOJE EU VOU MUDAR

Texto publicado originalmente no livro  
"Prosa e Versos Controversos".



Vou jogar na lixeira sensações de tristeza e ressentimentos.  
Esvaziar os arquivos do passado, remoto ou recente.  
Abrir os armários e guarda-roupa, cheios de inutilidades  
e vaidade e despejar tudo no chão, amontoado e esparramado.



Descerrar as janelas da alma e deixá-la respirar,  
da manhã ao escurecer.  
Afastar ideias de submissão, ser uma leoa ferina.  
Abrandar-me e fazer-me uma borboleta esvoaçante.  
Uma suave gaivota.  
Despir-me de infantilidade ou mesmo de rabugice.  
Deletar o desnecessário. Copiar, para a área  
de transferência, a poesia que preenche aquela página  
vaga. Vestir-me de seda e vual, de organza branca,  
libertar-me. Revestir-me de juventude.

Sentar-me, outra vez, em carteiras escolares, do pré à Universidade.  
Esbaldar-me e esnobar em festas profanas.  
Abraçar, beijar, namorar, apaixonar...  
Ensinar e aprender, sobretudo, na escola que não tem férias.  
Ver o mundo, suas paisagens, museus, catedrais, presídios e casas que sejam lares.  
Gritar, aos quatro ventos, que não sou silêncio.  
Que a Vida grita dentro e fora de mim e não tenho tempo de vivê-la.  
Que não quero uma casa de repouso, mas de trabalho, de luta, de convivência  
harmônica, de gente de todas as gerações e ideais.  
Uma Casa, de misericórdia e justiça.  
Uma casa cheia de crianças em ciranda e jogo de finca.  
Sair pela rua, descalça e descabelada, zombar, gargalhar, dançar na chuva, chorar e rir  
de mim mesma.



Não preciso de mortalha nem mausoléu. Esses nomes me matam. Quero viver.  
Quero ter residência e domicílio em mim mesma. Sem medo de verem meus defeitos.  
Sentir-me leve e me amar, extravasar fúria, mágoas e também,  
estonteante alegria.

Confundir-me a mim própria, de tanto  
me compreender e me perdoar.  
Ser irreverente, irônica e até sarcástica.

Achar-me sempre com razão e  
dona do mundo.

Arrepende em tempo e chorar  
a malvadez e insensibilidade.

Ser eu mesma, feia, linda, querida, antipatizada,  
homeopatia, cura e salvação.

Em todas as estações da vida.

Sentir que a felicidade é um estado de  
não demanda posses, não exige cumulação,  
montoeira de bens. Felicidade parece que  
é sentir-se digno, honrado, bem amado,  
compartilhando dignidade, honradez e amor.

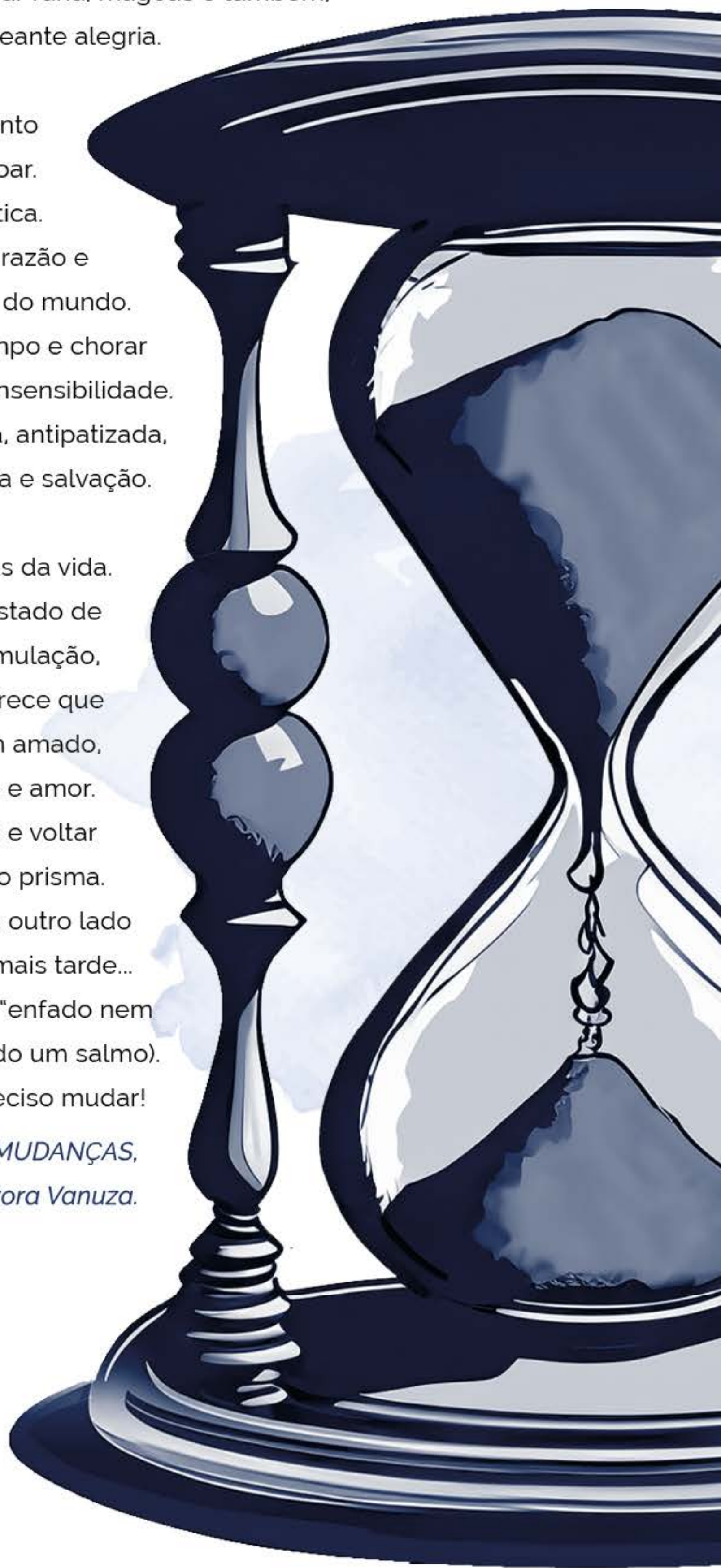
A mudança é, talvez, sair de você e voltar  
você mesmo, vendo tudo sob outro prisma.

Deixem-me descansar lá do outro lado  
do Caminho. Bem mais tarde...

Por enquanto, não sinto "enfado nem  
canseira" (lembrando um salmo).

Hoje eu vou mudar, juro! Eu preciso mudar!

*Paráfrase da música MUDANÇAS,  
da cantora e compositora Vanuza.*



Autoria

**Orlanda Luiza**

desembargadora federal aposentada da 1ª Região



Crônica

# ELIZABETH BARRETT BROWNING:

## A heroína do amor e a voz da libertação



*"Omnia vincit amor".<sup>1</sup>*

(PUBLIUS VERGILIUS MARO. *Eclogae*, X, 69).

*"Amore e 'l cor gentil sono una cosa,  
si come il saggio in suo dittare pone,  
e cosi esser l'un sanza l'altro osa  
com'alma razional sanza ragione".<sup>2</sup>*

(DANTE ALIGHIERI. *La vita nuova*. Sonetto X).

**EXÓRDIO.** Foi durante a era vitoriana (1837–1901) que atingiu o apogeu o Império Britânico, *"where the sun was never set"*, e a literatura do Reino Unido resultou marcada pelo crescente prestígio do romance e da poesia. Já nas suas primeiras décadas, desponta ali uma geração de literatos que habilmente exploram os dons do idioma, produzindo obras que os projetam além dos domínios da anglofonia. Dentre todos, uma plêiade de mulheres também se consagra: Elizabeth Barrett Browning (1806–1861), Elizabeth Cleghorn Gaskell (1810 - 1865), Charlotte Brontë (1816–1855), Emily Jane Brontë (1818–1848), Marian Evans, sob o pseudônimo George Eliot (1819–1880), Anne Brontë (1820–1849) e Christina Georgina Rossetti (1830–1894). No seio desta plêiade, entretanto, somente as irmãs Charlotte e Emily Jane Brontë são bastante conhecidas no Brasil, como as autoras, respectivamente, dos romances *Jane Eyre* (1847) e *Wuthering Heights* (1847), ambos alvos de adaptações cinematográficas à *outrance*. Na poesia amorosa, ocupa o pináculo a fascinante Elizabeth Barrett Browning, pouco íntima do público brasileiro, apesar de Mário de Andrade (1893–1945) tê-la cognominado de *Belinha Barreto*, aportuguesando-lhe o nome.

**1)** Elizabeth Barrett Browning, *née* Moulton-Barrett, veio ao mundo em Kelloe, condado de Durham, nordeste da Inglaterra, a 6 de março de 1806, filha de Edward Barrett Moulton-Barrett (1785–1857) e de sua mulher Mary Moulton-Barrett, *née* Graham Clarke (1781–1828). Era uma família numerosa, pois o casal gerara doze rebentos (oito meninos e quatro meninas), sendo Elizabeth, apelidada *Ba*, a primogênita. Seu pai nascera na Jamaica e descendia de pessoas comprometidas com a escravatura, fato esse corriqueiro nas colônias europeias do continente americano naquela época. Em 1809, a família se estabelece em *Hope End*, uma requintada propriedade rural no condado de Herefordshire, onde ela, ainda menina, começa a compor poemas, que merecem caloroso aplauso paterno. Desde cedo, a musa Érato a inspira e ela entra em contato com a cultura grega clássica e também estuda hebraico. Lê Mary Wollstonecraft (1759–1797), a escritora pioneira da igualdade educacional e social para as mulheres, e vive feliz durante a maior parte de sua infância. Contando quinze anos de idade, porém, contrai uma doença séria, oriunda, provavelmente, de lesão na coluna vertebral, afetando-lhe



a saúde pelo resto da sua vida e deixando-a quase inválida. Por prescrição médica, ela tinha de usar láudano e, depois, morfina (ambas substâncias opiáceas), tornando-se, assim, dependente destas drogas.

**2)** Em 1832, a família se muda para Sidmouth, uma pitoresca cidade no condado de Devon, e, em 1836, se transfere para Londres, onde, a partir de 1838, fixa residência no célebre endereço: 50 Wimpole Street. Na capital, ela colabora para vários periódicos e, ainda em 1838, é publicada a sua primeira coletânea poética: *The Seraphim and Other Poems*. Também se corresponde com eminentes vultos da literatura, como William Wordsworth (1770–1850), Thomas Carlyle (1795–1881) e Edgar Allan Poe (1809–1849). Em virtude de sua saúde precária, com o inexorável Tânatos a espreitá-la para o golpe letal, ela vai residir em Torquay, outra cidade do condado de Devon, mas, após o afogamento accidental de seu irmão favorito Edward, apelidado Bro (1807–1840), ela se vê presa de uma mórbida ojeriza por relacionamentos com pessoas alheias ao seu restrito círculo. Não obstante tal limitação, o seu nome fica bastante conhecido no âmbito literário e, em 1844, obtêm sucesso a sua segunda coletânea poética: *Poems*, da qual fazem parte *The Cry of the Children* e *Catarina to Camoëns*. Em 10 de janeiro de 1845, o também poeta Robert Browning (1812–1889) lhe envia a histórica mensagem apaixonada: *"I love your verses with all my heart, dear Miss Barrett. I do, as I say, love these books with all my heart – and I love you too"*.<sup>3</sup> (A rigor, nem era um caso de amor à primeira vista, mas sim de amor à primeira leitura).

**3)** Mr. Barrett, porém, se opõe sistematicamente ao casamento de todos os seus filhos e ela, então, passa a escrever sonetos de amor, que posteriormente seriam reunidos na coletânea com a ambígua denominação *Sonnets from the Portuguese*, nos quais revela a sua hesitação em aceitar ou em repudiar a corte que lhe estava sendo feita. Em 12 de setembro de 1846, todavia, Robert Browning e Elizabeth Barrett se consorciavam em segredo, mas ela retorna ao lar paterno, onde permanece por mais alguns dias, apartada do marido. Logo depois, ela foge e os dois apaixonados se unem para sempre, deixam Londres e emigram para Pisa, porquanto médicos tinham aconselhado a mudança para a Itália, à vista da sua débil saúde. É lá que ela escreve *The Runaway Slave at Pilgrim's Point*, um veemente protesto contra a escravidão, ainda em prática nos EUA, poema esse publicado em Boston, EUA (1848), antes mesmo da edição londrina (1849).

**4)** A seguir, o casal Browning se estabelece em Florença, berço de Dante Alighieri (1265 – 1321) e da sua adorada musa Beatrice Portinari (1266 – 1290), cidade essa muito apreciada por britânicos. Oprimida na sua álgida terra natal, ela consegue desfrutar da felicidade conjugal na ensolarada Toscana. Lá, ela começa a se envolver com a causa do *Risorgimento*, embora o faça de maneira muito romântica e carente de realismo (poemas *A Tale of Villafranca*, *Italy and the World*, *Garibaldi etc.*) Também em Florença, a 9 de março de 1849, é que nasce o seu único filho, Robert Wiedeman Barrett Browning, apelidado *Pen*, o qual, quando adulto, viria a se tornar um pintor de relativo sucesso. Finalmente, são publicados os quarenta e quatro *Sonnets from the Portuguese* e ela passa a figurar como candidata principal a *poet laureate*, para suceder ao então recém finado William Wordsworth (1770 – 1850), mas Alfred Tennyson (1809 – 1892) é quem acaba conquistando aquela láurea. Em 1851 e em 1856, a família Browning visita Londres e, na segunda vez, ela completa a sua mais extensa obra: *Aurora Leigh*, um romance composto de nove livros em versos brancos, publicado em 1857. Mr. Barrett morre em 17 de abril de 1857, sem nunca ter perdoado a filha, pois Elizabeth e seus irmãos Henrietta e Alfred foram deserdados por terem contraído matrimônio à revelia da vontade paterna.

**5)** Nos seus derradeiros anos de vida, ela começa a se interessar por espiritualismo e ocultismo, embora a sua maior meta ainda fosse a causa política da unificação italiana. A lírica Érato a inspirara desde a infância e o implacável Tânatos a assediara desde a adolescência e, por fim, durante a noite de um sábado de estio, 29 de junho de 1861,



ele a arrebatava dos braços do marido e a conduzia à eternidade, onde poderia ela vir a compor poemas ainda mais belos... Elizabeth se vai sorrindo e estampando um rosto de menina. Na segunda-feira, 1º de julho, o comércio das cercanias da Casa Guidi (Piazza San Felice, 8), residência da família Browning, cerra as venezianas, reverenciando aquela sensível estrangeira que idealisticamente se comprometera com o *Risorgimento*. O corpo é sepultado no *Cimitero degli Inglesi* e uma placa homenageante é afixada na Casa Guidi (ver Apêndice iconográfico, fig. 3 e fig. 4). Ela parte enquanto se fere a guerra de secessão (1861 – 1865) e, portanto, antes da definitiva abolição da escravidão nos EUA e, outrossim, antes do encerramento do demorado processo da unificação italiana, que findaria apenas com a tomada de Roma, em 20 de setembro de 1870, mais de nove anos depois do óbito.

**6)** Os *Last Poems* são publicados postumamente (1862), por iniciativa do viúvo. Neles se insere *De Profundis*, poema de vinte e cinco quintilhas, composto quando do trágico afogamento de Edward Barrett (1840), mas que deixara de integrar os *Poems* (1844). Seu marido sobrevive por mais de vinte e oito anos, expirando em Veneza, a 12 de dezembro de 1889.

**7)** A cinematografia estadunidense iria retratar a história de Elizabeth e Robert Browning através do drama *The Barretts of Wimpole Street* (EUA, 1957, lançado no Brasil com o título *O céu em teu amor*), dirigido por Sidney Franklin (1893 – 1972), refilmagem da versão anterior (1934), do mesmo cineasta, baseada na peça teatral homônima (1930), de Rudolf Wilhelm Besier (1878–1942).

#### **8) Peculiaridades de alguns poemas referidos**

**8.1)** *The Cry of the Children* (1844), poema composto de treze estrofes, sendo doze de doze versos e uma (a quarta) de dezesseis versos. Foi provocado por um relatório sobre o emprego de crianças e jovens em minas e manufaturas, coproduzido por seu amigo e poeta Richard Hengist Horne (1802–1884). Publicado originalmente no *Blackwood's Magazine*, de Edimburgo (1843), contribuiu para promover um debate sobre as péssimas condições de vida e trabalho de crianças numa sociedade urbana e industrializada e daí para gerar a necessária regulamentação. Um autêntico grito poético contra a exploração da mão de obra infantil, muito praticada na época.

**8.2)** *Catarina to Camoëns* (1844), poema composto de dezenove oitavas. A autora revela aqui conhecer a lírica camoniana. Ora, Catarina (ou Caterina) de Ataíde (?–1551), celebrada por Luís Vaz de Camões (1524–1580) sob o anagrama *Natércia*, era uma dama da corte da rainha Catarina (1507–1578), consorte do rei dom João III (1502–1557). Como Beatrice, musa de Dante, Natércia também teve morte prematura. As sucessivas reincidências do lindo verso “*Sweetest eyes, were ever seen*”, grafado entre aspas no remate de quinze estrofes, autorizam presumir que a autora pretende fantasiar uma resposta de Catarina ao soneto camoniano que inicia com os versos “*Quem vê, Senhora, claro e manifesto / O lindo ser de vossos olhos belos.*” Entre outros, Fernando Pessoa (1888 – 1935), poeta bilingue, traduziu este poema para o vernáculo.

**8.3)** *The Runaway Slave at Pilgrim's Point* (1850), poema composto de trinta e cinco septilhas e uma oitava (última estrofe). Escrito a pedido de *The Boston Anti-Slavery Bazaar* e publicado originalmente no seu periódico anual *The Liberty Bell* (1848). Redigido na primeira pessoa do singular, contém os lamentos de uma escrava africana fugitiva sobre a servidão e os abusos a que fora submetida. Estuprada, dera à luz uma criança inconveniente, porque branca demais, a qual ela mata e oculta o cadáver, para, depois, tentar reconciliar-se com a inocente vítima. Comovente libelo contra a escravidão! (O *Pilgrim's Point* do título se refere a Plymouth Rock, local na costa de Massachusetts onde os peregrinos trazidos pelo Mayflower desembarcaram em 1620). A autora voltaria a exteriorizar a sua atitude abolicionista em *A Curse for a Nation* (1860), poema composto de treze quadras, três sextilhas e sete septetos, que, mal interpretado, causou uma celeuma.



**8.4)** *To Flush, my Dog* (1844), poema composto de vinte sextilhas, e *Flush or Faunus* (1850), soneto. Pouco depois do afogamento de seu irmão Edward, em 11 de julho de 1840, a autora foi presenteada com um cão da raça *cocker spaniel*, nomeado *Flush*. Estas duas composições constituem tributos literários àquele bicho de estimação e, inspirada nelas, Virginia Woolf (1882–1941), quase um século mais tarde, iria produzir *Flush: A Biography* (1933), biografia do casal Browning, supostamente narrada por aquele cachorro de pelo cor de mel.

**8.5)** *Aurora Leigh* (1856), romance em forma de poema, dividido em nove livros, contendo cerca de onze mil versos brancos, sendo um dos mais longos poemas da literatura inglesa. Redigido na primeira pessoa do singular e ambientado na Inglaterra, Itália e França, à época da revolução industrial, narra a vida de uma escritora que, de início, rejeita a proposta matrimonial de seu primo filantropo Romney Leigh, para aceitá-la no final. Aborda questões de justiça social, de prostituição forçada e da condição infeliz das mulheres, para quem propõe a liberdade. Apesar do sucesso de público, a obra desagradou parte da crítica especializada.

**8.6)** *Sonnets from the Portuguese* (1846), coletânea de quarenta e quatro sonetos de amor, compostos quando a autora ainda era solteira, mas publicados somente após o seu casamento, por insistência do marido. A denominação ambígua sugere que teriam sido escritos originalmente em português e, depois, traduzidos para o inglês, mas, na verdade, foram todos eles redigidos originalmente em inglês. Porque ela admirava Camões, o marido a apelidara de *My Little Portuguese*. Exatamente, como sucede com os sonetos de Camões (mais de duzentos), nenhum soneto desta coletânea possui título. Se ela não conhecesse a lírica camoniana, por qual motivo receberia aquele apelido? Ora, sem embargo de todo o esplendor das causas sociais em que ela se engaja (combate à exploração abusiva do trabalho infantil, abolição da escravidão, emancipação feminina e unidade italiana), é na poesia intimista que ela ascende ao auge. Segue os rastros da platonizante lírica camoniana, endeusando o amor por amor ao amor (v. g., *Soneto 14*), mas sem ocultar o impulso erótico (v. g., *Soneto 29*). Por si só, esta coletânea bastaria para imortalizar a sua autora, içando-a ao Parnasso. Há distintas traduções dos sonetos para o vernáculo, sendo que Manuel Bandeira (1886–1968) traduziu alguns poucos. **Considerado por críticos como o melhor soneto composto por uma mulher no idioma inglês, eis a íntegra do festejado Soneto 43:**

*"How do I love thee? Let me count the ways.  
I love thee to the depth and breadth and height  
My soul can reach, when feeling out of sight  
For the ends of Being and ideal Grace.*

*I love thee to the level of every day's  
Most quiet need, by sun and candlelight.  
I love thee freely, as men strive for Right;  
I love thee purely, as they turn from Praise.*

*I love thee with the passion put to use  
In my old griefs, and with my childhood's faith.  
I love thee with a love I seemed to lose*

*With my lost saints, - I love thee with the breath,  
Smiles, tears, of all my life! - and, if God choose,  
I shall but love thee better after death".<sup>4</sup>*

**9)** As coletâneas de poemas de Elizabeth Barrett Browning em ordem cronológica de publicação:

1838 – *The Seraphim and Other Poems*;

1844 – *Poems* (inclui *The Cry of the Children*, *To Flush, my Dog*, e *Catarina to Camoëns*);



1850 – *Poems* (inclui *The Runaway Slave at Pilgrim's Point* e *Flush or Faunus*);  
 1850 – *Sonnets from the Portuguese* (compostos em 1845/1846, antes do casamento);  
 1856 – *Aurora Leigh* (romance com cerca de onze mil versos brancos, a mais longa de todas as obras);  
 1860 – *Poems before Congress* (inclui *A Curse for a Nation*, *A Tale of Villafranca* e *Italy and the World*);  
 1862 – *Last Poems* (publicação póstuma, inclui *De Profundis*, embora tardiamente, e *Garibaldi*).

#### • Notas

<sup>1</sup> "O amor a tudo vence" ou "O amor triunfa de tudo".

<sup>2</sup> "Amor e coração nobre são a mesma coisa, como diz o sábio em seus versos. Assim, não pode estar um sem o outro como não pode a alma racional estar sem a razão".

(Tradução livre, a partir do italiano medieval, pelo moderno).

<sup>3</sup> "Eu amo os seus versos com todo o meu coração, cara Srta. Barrett. Realmente, como digo, amo aqueles livros com todo o meu coração – e a amo também".

(Tradução livre de segmento da mensagem de 10 de janeiro de 1845).

<sup>4</sup> "Amo-te quanto em largo, alto e profundo  
 Minh' alma alcança quando, transportada,  
 Sente, alongando os olhos deste mundo,  
 Os fins do Ser, a Graça entressonhada.

Amo-te em cada dia, hora e segundo:  
 À luz do sol, na noite sossegada.  
 E é tão pura a paixão de que me inundo  
 Quanto o pudor dos que não pedem nada.

Amo-te com o doer das velhas penas;  
 Com sorrisos, com lágrimas de prece,  
 E a fé da minha infância, ingênua e forte.

Amo-te até nas coisas mais pequenas.  
 Por toda a vida. E, assim Deus o quisesse,  
 Ainda mais te amarei depois da morte".  
 (Tradução / paráfrase de Manuel Bandeira).

#### • Bibliografia restrita

- BANDEIRA, Manuel. *Poesias*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- BROWNING, Elizabeth Barrett. *The Collected Poems*. Introduction and notes by Sally Minogue. London: Wordsworth Ed., 2015.
- \_\_\_\_\_. *The Complete Works*. Introductions and notes by Charlotte Porter and Helen A. Clarke. New York: Thomas Y. Crowell, 1900. Disponível em: <https://www.sas.upenn.edu>. Acesso em: 5 jan. 2023.
- CAMÕES, Luís de. *Camões lírico*. Apresentação de Aires da Mata Machado Filho. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *200 sonetos*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965.
- SAMPSON, Fiona. *The Two-Way Mirror: The Life of Elizabeth Barrett Browning*. London: Profile Books, 2021.

Rio, março de 2023.



• Apêndice iconográfico



Fig. 1. Elizabeth Barrett Browning (1806–1861).

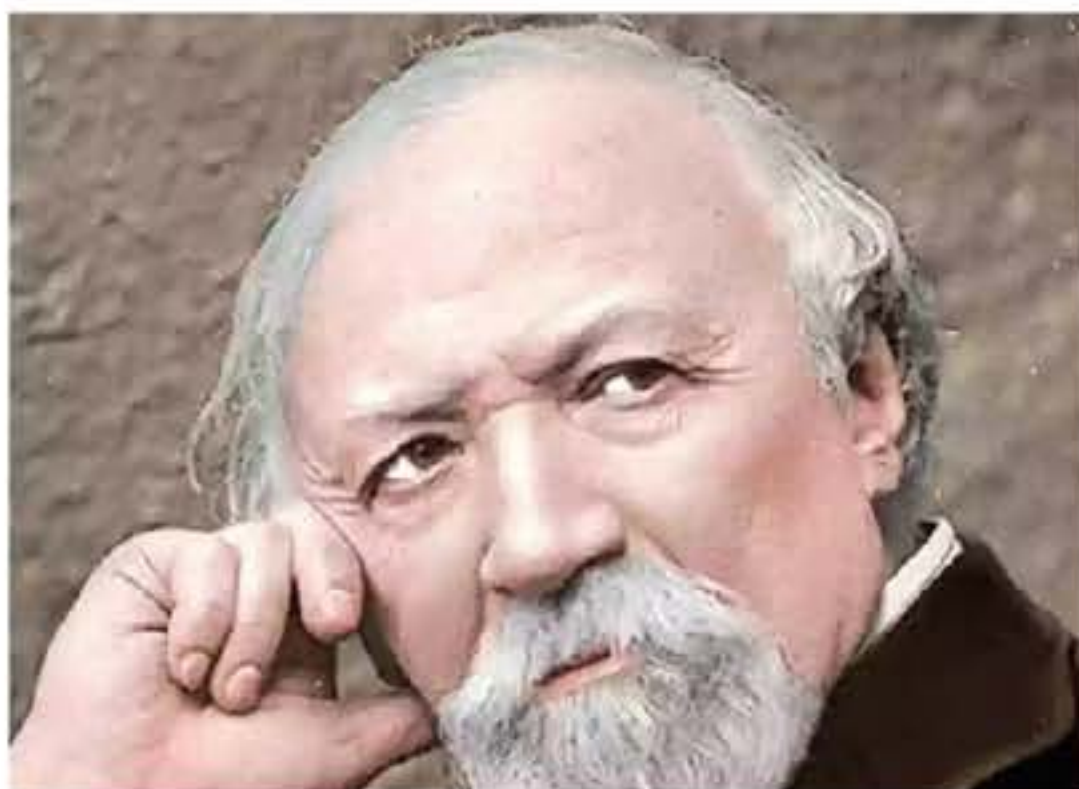


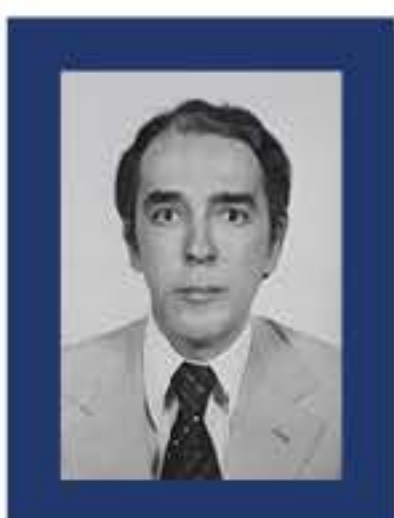
Fig. 2. Robert Browning (1812–1889).



Fig. 3. Vista do sepulcro de Elizabeth Barret Browning no Cimitero degli Inglesi, Florença.



Fig. 4. Vista da placa comemorativa apostada na fachada principal da Casa Guidi, homenageando a sua mais ilustre ex-moradora, "que em coração de mulher reunia ciência de sábio e espírito de poeta e fez do seu verso um elo de ouro entre Itália e Inglaterra".



Autoria

**B. G. da Costa Fontoura**

juiz federal aposentado da 2ª Região



## Desenho

# SEM TÍTULO



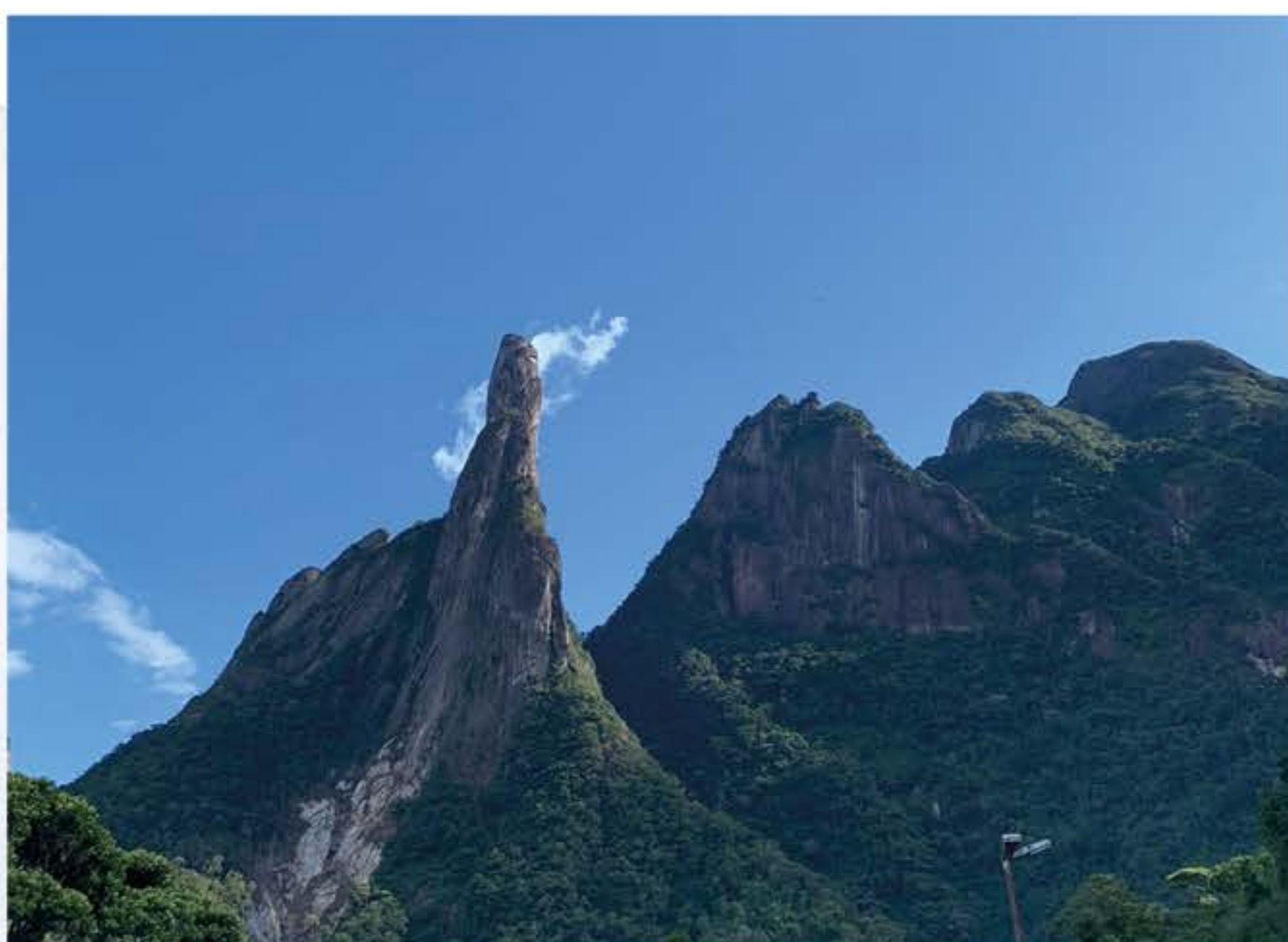
Autoria

**Márcia Souza e Silva de Oliveira Fernandes**

juíza federal aposentada da 3ª Região

## Fotografia

# FOTO TERESÓPOLIS



Autoria

**Frederico Gueiros**

desembargador federal aposentado da 2ª Região



## Conto

# A FÁBRICA DE HISTÓRIAS E AS ORELHAS DO COELHO FACEIRO

**H**oje é quarta-feira! Dia da semana em que Isabela vai direto da escola para a casa da vovó Laura. Dia em que o pai dela pega o Maninho na creche e os quatro jantam juntos. Dia de histórias e diversão, de darem muita risada e fazerem bagunça até para arrumarem a bagunça.

Belinha, como é carinhosamente chamada em casa e na escola, tem 6 anos e cabelos cacheados e ruivos, de um ruivo escuro avermelhado, que a mãe dela costuma prender com uma fita azul, do mesmo tom dos seus óculos de aros redondos. Ah, e ela tem sardas, muitas sardas no rosto.

Com essa estampa toda diferente você acha que as pessoas se referem a ela pelo cabelo, pelos óculos ou pelas sardas? Acredite: nenhuma das alternativas anteriores. A marca registrada da Belinha é outra. Ela é muito, mas muito, curiosa. Quer saber o porquê do mundo e do fundo. E as perguntas não são rasas, são profundas. Ela quer saber como funciona, de onde veio, porque é assim e não assado...

A dona Mariquita, vizinha da vovó que reclamou do barulho das noites de quarta-feira, uma vez falou que se a Belinha usasse daquelas máquinas de escrever antigas o ponto de interrogação estaria gasto. A pequena entendeu a crítica e a piada. Já havia visto daquelas máquinas no museu da estação ferroviária e havia perguntado, óbvio, sobre o mecanismo de funcionamento das teclas. Isabela, cheia de graça, devolveu:

– Por quê?

Mas, verdade seja dita, Belinha era mesmo uma menina muito perguntadeira e soltava todos os freios quando estava com a vovó Laura, porque as respostas dela vinham sempre com algum acompanhamento em forma de história e elas eram sempre diferentes do comum.

– Vovó, por que o meu cabelo é vermelho, o do Maninho é marrom e o seu é branco?

– Por que só eu e você usamos óculos na nossa família?





– As sardas que eu tenho no rosto vão ficar iguais às da sua mão, vovó?

A vovó Laura dava risada. Colocava Isabela no colo e respondia a todas as perguntas, sempre contando uma história diferente. Você sabe o porquê? É que ela criava histórias de improviso. Histórias que vinham da imaginação dela, usando o que havia em volta e o assunto da conversa.

Belinha tomou gosto pela arte de criar e ela e a vovó faziam uma dupla e tanto. Da brincadeira de criar uma história a partir de pequenos objetos, como uma peça de lego ou uma pazinha de sorvete, de desenhos ou de recortes, surgiu a ideia de fazer um pote renovável de histórias.

Elas pegaram um pote vazio e o deixaram bem limpinho. Recortaram um círculo de papel colante para colocar na tampa do pote e nele a vovó escreveu com uma letra de forma bem caprichada: "ERA UMA VEZ ...". Depois, colaram na frente do pote uns decalques com bichinhos e um poema popular: "Acabou-se o que era doce, quem comeu regalou-se. Acabou a história, morreu a vitória. A história entrou por uma porta e saiu pela outra e quem quiser que conte outra". Estava pronto o novo e desafiante brinquedo: "A fábrica de histórias".

Mas a imaginação da vovó Laura não tinha limites. Nem as histórias que estavam nos livros, que ela lia para Belinha e Miguel, o Maninho, escapavam de ganhar uma nova versão, um novo cenário ou personagem. Toda essa criatividade às vezes causava confusão.

Uma vez, quando Belinha ainda não sabia ler, ela chegou em casa com um livro quase novo. Quase porque na família dela se usava passar as coisas de irmã para irmão, de prima para primo e de amiga da tia para a sobrinha da amiga. Belinha era a segunda mais velha dessa corrente de afeto, Miguel estava mais lá no final da fila, só antes do primo Heitor, que ainda usava fraldas, e da Maria, filha do enteado da tia Glória, que mal engatinhava.

Livros, brinquedos, carrinhos e cadeirinhas passeavam para lá e para cá à medida que as crianças cresciam e que os novos membros iam chegando. Naquela grande família as três setas em forma de triângulo, que você vê nas lixeiras e simbolizam o processo de reciclagem, acolhiam ao centro um coração que pulsava e cuidava.

– Atenção, Belinha, dizia a mamãe. Pendure direitinho a capa para escorrer a água e não deformar. A Amanda vai ficar feliz e agradecida pelo seu cuidado no ano que vem.

Mas, voltemos ao tal livro que Belinha levou para casa quando ela nem sabia ler e o Maninho nem tinha nascido. Ele veio da tia Liliane, irmã do papai. Era vermelho e tinha capa dura, com muitas figuras e texto em francês. À noite, quando papai veio contar histórias para Belinha dormir, ela escolheu justo aquele livro. O papai, bem filho da vovó Laura, começou a desfiar a história que aquelas figurinhas e a pouca lembrança do francês lhe inspiraram.

– Papai, não é assim, protestou Isabela. A vovó contou diferente.

Papai revirou os olhos e, pacientemente, perguntou:

– E como era a história que a vovó contou?

Belinha, toda animada, começou a contar a história de Leon, o zangão zangado que não queria dividir com Mirela, a abelha que fazia balas de mel, o pólen que ele havia recolhido. À medida que ela foi contando, contando, a empolgação foi cedendo, a voz ficando mais compassada, até que ela dormiu. Papai cobriu Belinha, beijou seus cachos vermelhos, guardou o livro, apagou o abajur e saiu, lembrando de seus tempos de menino e das suas





histórias de infância.

Mas isso foi há muito tempo. Agora Belinha já sabe ler. A história que a vovó Laura contou nesta quarta-feira, e que agora vou recontar a você, não é de Leon, o zangão, e nem de Mirela, a abelha. É uma história muito mais diferente do que todas as histórias que a vovó já havia contado em outras tardes e noites. Para não variar, tudo começou com uma pergunta de Belinha.

– Vovó, que quadro diferente é esse em cima da sua escrivaninha?

– É a foto de uma propaganda que a vovó criou há muito tempo, para um modelo de relógio infantil. Ganhei na homenagem que recebi de meus colegas no sábado passado.

– Vovó, já sei qual é o relógio da foto. É o que está na caixinha que não posso mexer, só olhar?

– Isso mesmo. É aquele relógio. Você lembra como são os ponteiros dele?

– Lembro sim. São duas orelhas de coelhinho.

– Você me ensinou nele como se leem as horas em um relógio com ponteiros. Pode mostrar o relógio para mim, por favor? Já estou grande o bastante para pegar? Conta a história dele, vovó?

– Conto sim, meu amor. Há muito tempo, quando o papai nem tinha nascido, a vovó recebeu a tarefa de criar um anúncio para um relógio infantil, como esses que passam na televisão ou pipocam no meio de um joguinho de aplicativo. O relógio era um pouco maior do que o padrão porque era usado para ensinar as crianças a lerem as horas em um relógio analógico. Se ele ficasse no suporte da caixinha poderia ser um relógio de mesa. Mas também poderia ser um relógio de usar no punho e sair para passear.

– Vovó, lembrei de uma palavra nova que eu aprendi esta semana, disse Belinha iluminando o rosto com um sorriso. – Versátil! Quando uma coisa pode ser usada de várias maneiras, como a minha jaqueta preta que solta as mangas e o capuz ou como o relógio da sua história. É por isso que a caixinha também tem que estar bem cuidada, por que ela não serve só para guardar?

– Isso mesmo, minha linda. Então, quando olhei o relógio com aquelas orelhas de coelho logo lembrei de uma história que havia contado para a tia Liliane.

– Era uma história de coelhinho?

– Sim! E sobre a importância de aceitarmos e apreciarmos como somos e de celebrarmos nossos antepassados.

– Conta vovó, conta porque eu estou muito curiosa para saber esta história!

A vovó Laura acomodou Belinha em seus joelhos e começou a contar a história de Lepo, o coelhinho faceiro de orelhas grandes e faro aguçado.

Era uma vez uma família de coelhos que vivia em um campo que ficava logo abaixo de uma estrada e um pouco acima de um lago rodeado de rochas. Eles moravam em uma colônia com outras famílias de coelhos e faziam suas tocas nas pedras. A família do Sr. Coelho e da Sra. Coelho da nossa história era numerosa. Nasciam de quatro a seis coelhinhos em cada ninhada e havia o mesmo tanto de ninhadas no ano.



Para dar conta de cuidar de tantos coelhinhos, a Sra. Coelho e o Sr. Coelho distribuíam as tarefas entre eles quando saíam a passear com a turminha. Ela ia à frente observando e mostrando aos filhotes o que havia de interessante para comer e ele ia mais atrás vigiando para que nenhum deles se desgarrasse do bando ou fizesse alguma travessura. Um belo dia, quando toda a família estava voltando para a toca, o papai Coelho percebeu que havia um faltando. Ele parou imediatamente e exclamou bem forte: – Alto lá! Vamos refazer a contagem. Tem um coelhinho faltando. Agrupem-se por ninhada, crianças.

A Sra. Coelho se virou assustada e os pequenos se juntaram rapidamente. Se o papai Coelho disse que estava faltando um coelhinho a explicação poderia ser perturbadora. Um deles poderia ter escapado e se perdido ou já estar no papo de um predador. Que medo!

Tapiti, um dos coelhinhos mais velhos, disse: – Está faltando o Lepo.

Lepo fazia parte de um grupo mais independente, de jovens coelhos que logo partiriam para formar suas próprias famílias. Ele tinha algo que o distinguia dos irmãos, que o fazia diferente. Suas orelhas eram mais compridas, estreitas e separadas do que as dos demais. No começo, os irmãos e as irmãs caçoavam dele por ser assim e ele ficou muito triste. Alguns perceberam a indelicadeza e pararam, outros seguiram fazendo e levaram uma grande bronca do papai e da mamãe e, depois de pedirem desculpas, também cessaram a grosseria.

Tapiti lembrou ao papai que Lepo, de quando em quando, ficava olhando sua sombra projetada no espelho do lago. Ele poderia estar lá. O papai, então, despachou todos para a toca e saiu rumo ao lago. Dito e feito! Quando o Sr. Coelho subiu em uma pedra mais alta, avistou Lepo parado na borda do lago. Ele desceu da pedra e foi ao encontro do filho.

– Lepo, meu filho, o que você faz aí e por que se afastou de nós? Ficamos todos preocupados!

– Papai, em breve vou sair pelo mundo e estou com medo de não ser aceito em outros grupos de coelhos por causa da minha aparência. Minhas orelhas são grandes demais e afastadas demais. Minhas patas são maiores do que as dos meus irmãos da minha idade.

– Meu filho, você não é muito diferente do pai da minha avó ou do tataravô da sua mãe e temos muito a agradecer a eles por serem assim, como você.

– Não entendi, papai, por que eu devo ser grato por ser diferente?

– Você já vai entender. Há muitos anos, quando construíram uma grande usina aqui perto, alguns animais foram levados para outros ecossistemas de acordo com seu gênero animal. Como você sabe, coelhos e lebres pertencem à mesma família, mas são de gêneros diferentes, como se fossem primos. Coelhos e lebres têm características, costumes e habilidades distintas. Pois bem, as lebres foram levadas ao bosque que fica para além do lago e os coelhos foram trazidos para estes campos em que estamos. Acontece que um casal de lebres, de um tipo muito parecido com coelhos, acabou sendo trazido para cá, por engano.

– Oh! E o que aconteceu? Eles foram expulsos?

– Não, ao contrário, aos poucos eles foram sendo acolhidos na colônia e seus filhos foram se casando por aqui. Você observou que alguns coelhos da nossa colônia conseguem subir nas rochas com muito mais facilidade do que outros? Já se deu conta de que seu faro é um pouco mais apurado do que o de muitos outros coelhos?



– Não, papai, eu não havia notado nada disso, mas agora que você falou, percebo que é assim. Ontem, quando eu e três irmãos mais velhos fizemos nosso passeio exploratório, fui o primeiro a dar o alerta da aproximação da raposa e a chegar na toca.

– Pois é, essa mistura que veio do passado e que hoje só se nota aqui e ali, no tamanho de uma orelha ou de uma pata, nos permitiu ter mais chances de sobrevivência, de aumentar nossa população, de vivermos mais e melhor. E então, você ainda tem medo de não ser aceito pela sua aparência ou tem vergonha dela?

– Não, papai, agora eu entendi a importância e o valor das minhas patas e das minhas orelhas. Elas são um sinal externo do dom que eu tenho que agradecer aos meus antepassados. Estou orgulhoso delas. Obrigado, papai!

– Ótimo, fico feliz! Agora quero mostrar uma coisa que vai deixar você ainda mais contente e orgulhoso. Vamos subir naquela pedra mais alta. Você consegue?

– Consigo sim, papai. Vamos, eu sigo você.

Os dois coelhos chegaram ao topo da pedra, de onde se via a estrada e outdoors que anunciavam produtos. Um deles se destacava. Era um relógio, um grande despertador analógico, sobre uma cesta de ovos Páscoa. Os ponteiros marcavam 10 horas e 10 minutos, mas eles haviam sido substituídos pelas orelhas de um coelho cor de caramelo. A cabeça e o focinho, na metade inferior do relógio, tinham uma expressão muito alegre. Ao lado da cesta havia uma mensagem: "Não perca a hora, vá direto à Chocolataria Lapin e garanta sua Páscoa".

– Uau! Não fosse pela pelagem e focinho mais claros eu diria que sou eu, papai. As orelhas são iguaizinhas. Vou contar aos meus irmãos e à vizinhança.

– Alto lá rapazinho! Tenha orgulho de você, de quem você é, dos seus ancestrais, mas não precisa se exhibir e ficar vaidoso. Agradeça e use seus dons, mas com sabedoria e humildade.

– Obrigado, papai, muito obrigado. Foi só uma empolgação. Lembrarei sempre dos seus conselhos e dos conselhos da mamãe.

Os dois coelhos voltaram alegres e aliviados para a toca. O papai seguro de que seu filhote estava bem encaminhado e em breve saberia cuidar de sua própria família. Lepo com a autoestima e a autoconfiança elevadas: ele tinha a beleza e a força de seus ancestrais!

– E assim, Belinha, acabou-se a nossa história. Você gostou? Entendeu a mensagem dela?

– Achei linda, vovó. Muito bonita e emocionante. Você reparou como eu fiquei quietinha e concentrada?

– Notei sim, Belinha. A gente mergulha na história, parece ver o cenário, sentir o frescor do campo e a pelagem fofinha dos coelhinhos, não é mesmo?

– Eu fiquei imaginando aquela paisagem que você descreveu. Lembrei de um passeio que fizemos em uma chácara com vaquinhas, porcos, patos e lago. Também fiquei bem interessada em saber mais coisas sobre coelhos e lebres. Na próxima quarta vamos pesquisar na sua biblioteca? Você consegue umas revistas e um filminho sobre eles?

– Claro, respondeu a vovó, vou fazer o meu melhor e na próxima quarta teremos uma sessão coelhos e lebres, quem sabe uma Páscoa antecipada com direito a um gostoso



bolo de chocolate com aquela cobertura que escorre pelos lados. Que tal?

– Super! Gostei de tudo, vovó.

– E sabe o que mais? Hoje à noite vou contar a vocês três umas curiosidades sobre as propagandas de relógios. Mas, vou lhe dar já uma provinha. Você sabe por que a maior parte dos anúncios de relógios com ponteiros marcam 10 horas e 10 minutos?

– Não sei vovó, por quê?

– É para deixar bem à mostra, emoldurada, a marca do relógio. Mas há quem diga que é para ficar parecendo com um grande sorriso, como este que está estampado agora neste seu rostinho lindo, emoldurado por estes cachos vermelhos maravilhosos e que são só seus.

– Que máximo vovó, entendi e gostei. Também peguei a dica do cabelo. É para eu pensar sobre como é legal ter uma cor de cabelo diferente, com cachos naturais, e agradecer por eles aos meus ancestrais que vieram lá da terra das flores e dos moinhos de vento.

– Muito bem, Belinha querida. Parabéns! Eu já disse hoje como eu amo você?

– Disse sim, vovó, mas é muito bom ouvir. É igual brigadeiro: a gente sempre acha um espacinho para mais um. Também amo muito você, vovó!

As tardes das quartas-feiras são mesmo muito especiais para Belinha e para a vovó Laura. É o dia no qual elas alimentam uma gostosa relação de parceria e de cumplicidade.

Belinha leva para casa, na lancheira, a merenda cuidadosamente planejada e embalada para estar gostosa e fresca no dia seguinte. Leva para a vida, na memória, as mais doces recordações da convivência com a vovó Laura. Um dia, quando for maior, compreenderá também o alcance da sabedoria e da generosidade da mamãe ao separar uma noite só para si e, ao mesmo tempo, permitir que a vovó pudesse ter alguns momentos com suas três crianças.

Vovó Laura fica com os sinais da visita querida em cada cantinho da casa. De todos, a biblioteca, é o mais especial. É lá que elas nutrem suas criatividade, que compram os bilhetes para viajar na imaginação. A brincadeira começa pela divisão de tarefas na limpeza dos livros, os de baixo cabem à Belinha e os de cima à vovó. É a hora em que elas conversam sobre cada um deles, suas histórias e as histórias das pessoas que os escreveram. Depois, vem a dança dos livros que vão descendo ou subindo pelas prateleiras no ritmo do crescimento e do interesse de Isabela para que estejam sempre ao alcance de sua mão. E, a cereja do bolo, termina com os achados de bilhetinhos carinhosos, que Belinha começou a deixar entre os livros para exibir faceira seu progresso na escrita. A vida é mesmo uma fábrica de muitas histórias.



Autoria

**Leda de Oliveira Pinho**

juíza federal aposentada da 4ª Região



## Fotografia

# VIAJANDO PELO EGITO E NAVEGANDO PELO RIO NILO



Autoria

**Raldênio Bonifácio Costa**

desembargador federal aposentado da 2ª Região





ESPAÇO DOS(AS)  
**Aposentados(as)**



**AJUFE**

Conheça o espaço em:

<https://www.ajufe.org.br/espaco-dos-aposentados>



ajufe.oficial



ajufe\_oficial



tvajufe



ajufe\_oficial



ajufe\_oficial

**www.ajufe.org.br**